

Vidas marcadas

CRACK MUDA O PERFIL DE QUEM MORA NAS RUAS

Agora são jovens, com até 30 anos, que saem de casa para manter o vício

GABRIEL LORDELLO

O empresário que hoje vive embaixo de uma marquise

Depois de perder tudo para as drogas, Tiago quer agora se libertar do vício e recuperar sua vida

■ ■ Aos 16 anos - casado e com uma filha -, Tiago Rosa de Souza Silva já era empresário. Enquanto cursava o 1º ano do ensino médio, sonhava com a ampliação de seu salão. Mas o uso intenso de drogas - maconha, cocaína, tiner, cola e crack - deu à sua vida um outro rumo. Hoje, aos 26 anos, ele vive nas ruas de Vitória.

“Há quase três anos, durmo embaixo de uma marquise. Perdi tudo”, lamenta Tiago. Seu sonho hoje é se libertar das drogas, ficar limpo e conseguir um emprego. É a única alternativa - avalia o jovem - para deixar as ruas. “Essa vida cansa. Quero ter meu cantinho de novo. Quero ter minha vida de volta”.

Enquanto não consegue um emprego, dá aulas de cabeleireiro aos colegas de rua que ficam do Centro de Atendimento Dia (CAD) da Prefeitura de Vitória. Sem ver a filha do primeiro casamento há mais de três anos, quer, agora, não repetir os erros do passado.

“Tudo indica que minha atual mulher está grávida. Preciso ficar mais quieto”. Para evitar a tentação das drogas, o casal tem

VILMARA FERNANDES
vfernandes@redegazeta.com.br

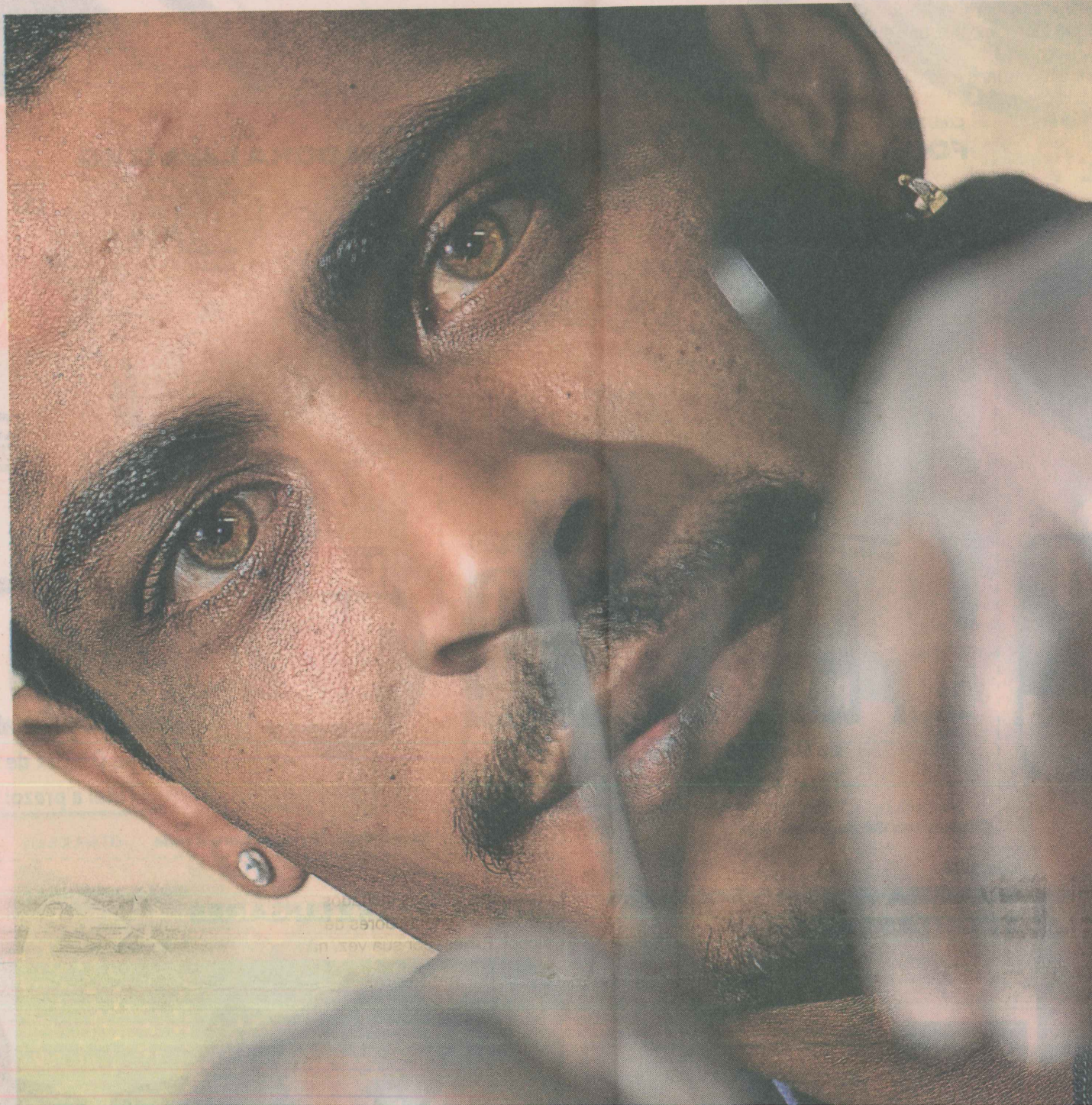
■ ■ Pelas ruas de Vitória perambula um novo morador de rua: jovem, com até 30 anos, que anda em grupo e é usuário principalmente de crack. Nesse perfil estão incluídos os filhos da classe média, que abandonaram suas casas por conta da fissura das drogas. Juntos comungam os dramas e a agressividade típica dos que sobrevivem nas ruas.

Gradativamente eles estão tomando o lugar do errante desempregado, com mais de 40 anos, sem família, que andava sozinho e consumia álcool. “Essas pessoas estão doentes, envelheceram e agora preferem os abrigos às ruas”, relata Anabel Araújo Gomes Pereira, gerente da Atenção ao Migrante e à População em Situação de Rua, da Ação Social de Vitória (Semas).

A mudança no perfil teve início em 2006. Veio com o crack, que tomou conta das ruas e dos jovens. Hoje mais de 60% dos abordados usam de maconha a crack. Em 2007, eram 32%. Os números da Semas refletem ainda outra alteração: quem vai para as ruas não o faz por desemprego, falta de vínculos familiares ou de inserção na comunidade. Vai para manter o vício.

REFÚGIO

Para Anabel, a situação mostra que a típica população de rua não tem aumentado. “O que vem crescendo é o número de usuários de uma droga que causa dependência com muita rapidez.” É o uso frequente que acaba levando a conflitos familiares, ao abandono e à perda de bens materiais. E a rua acaba sendo o úl-



REFÚGIO

Para Anabel, a situação mostra que a típica população de rua não tem aumentado. "O que vem crescendo é o número de usuários de uma droga que causa dependência com muita rapidez." É o uso frequente que acaba levando a conflitos familiares, ao abandono e à perda de bens materiais. E a rua acaba sendo o último refúgio para essas pessoas.

O problema é que, ao transformar as vias públicas em sua casa, esses jovens acabam gerando outros tipos de conflitos. Além de serem vistos como sinônimo de perigo, há o desrespeito a todo tipo de regras: usam drogas, fazem sexo em público, dormem nas calçadas, deixam as coisas espalhadas por todo canto e chegam a ser agressivos com a comunidade.

A receita se reverte em reclamações, lideradas por moradores dos bairros Jardim Camburi, Jardim da Penha e Praia do Canto. Uma mediação nada fácil de ser feita por quem há anos trabalha na área. "O que pedem é a retirada dos moradores da rua, o que não pode ser feito. Eles só saem quando querem", pondera a coordenadora de Acolhimento, Andréia Martins.

O embate mostra que o assunto deixou de ser problema de assistência social. Já demanda políticas públicas mais complexas, com ações que vão da educação infantil ao suporte e atendimento às famílias. "É preciso dar oportunidades aos jovens, para mantê-los longe do crack", pondera Anabel. Só assim os reflexos serão vistos nas ruas.

Mais de 70 aguardam vagas nos abrigos

■ Não há vagas suficientes para os moradores em situação de rua que procuram os albergues de Vitória. A demanda é maior no período de chuvas, em que cerca de 70 pessoas ficam sem abrigo. Hoje, a Secretaria de Ação Social (Semas) oferece 40 vagas no abrigo, 30 na hospedagem noturna, outras 30 em duas casas-lares e 40 no albergue. A expectativa é aumentar esse total em mais 80 vagas, com a ampliação do abrigo de Jucutuquara, até o início do próximo ano.



ESPERANÇA. Enquanto sonha com um emprego que mudará sua vida, Tiago dá aulas de cabeleireiro aos amigos de "pista"

Enquanto não consegue um emprego, dá aulas de cabeleireiro aos colegas de rua que ficam do Centro de Atendimento Dia (CAD) da Prefeitura de Vitória. Sem ver a filha do primeiro casamento há mais de três anos, quer, agora, não repetir os erros do passado.

"Tudo indica que minha atual mulher está grávida. Preciso ficar mais quieto". Para evitar a tentação das drogas, o casal tem se afastado dos grupos, ficando isolado em casas abandonadas ou embaixo de marquises.

“Meu pai é mergulhador da Petrobras. Eu tinha um salão. Perdi tudo para as drogas. Ela destrói você, leva tudo o que você tem. Foi o que aconteceu comigo. Hoje durmo na rua”

TIAGO ROSA DE SOUZA SILVA, 26 ANOS
MORADOR DE RUA

Quem vive no abandono

A maioria é de homens, com ensino fundamental completo. Muitos em conflito com as famílias

■ ATÉ 2006

■ **Perfil.** Eram desempregados, sem vínculos familiares, alguns portadores de transtorno mental, consumidores de álcool, que andavam sozinhos. Essas pessoas envelheceram, são hoje alcoolistas crônicos, com debilidade física avançada, demandam atenção 24 horas e estão nos abrigos de Vitória

■ EM 2007

■ **Abordados em setembro.** 63
■ 81% - Homens
■ 19% - Mulheres
■ **Etnia**
■ 32% - Pardos
■ 35% - Negros
■ 19% - Brancos
■ **Drogas mais consumidas**
■ 42% - Álcool
■ 16% - Crack

■ 16% - Maconha
■ 6% - Tíner
■ 20% - Outras substâncias
■ **Idade**
■ 20% - 18 a 24 anos
■ 31% - 25 a 35 anos
■ 16% - 36 a 45 anos
■ 15% - 46 a 55 anos
■ 6% - 55 a 65 anos
■ 3% - Acima de 65

anos
■ 3% - Menor de 18 anos
■ 6% - Não declarado

■ **Escolaridade**
■ 15% - Analfabeto
■ 25% - 1ª a 4ª série
■ 23% - 5ª a 8ª série
■ 13% - Ensino médio
■ 24% - Não declarado



consumidas

■ 51% - Crack, cocaína, maconha e tíner
■ 10% - Álcool
■ **Idade**
■ 26% - 18 a 30 anos
■ 51% - 31 a 50 anos
■ 23% - Acima de 65
■ **Escolaridade**
■ 16% - Analfabeto
■ 14% - 1ª a 4ª série
■ 18% - 5ª a 8ª série
■ 10% - Não declarado

■ EM 2008

■ **Abordados em setembro.** 124
■ 83% - Homens
■ 17% - Mulheres
■ **Etnia**
■ 41% - Pardos
■ 38% - Negros
■ 21% - Brancos
■ **Drogas mais**

■ **EM 2009**
■ **Abordados em setembro.** 144
■ 87% - Homens
■ 13% - Mulheres
■ **Etnia**
■ 47% - Negros
■ 21% - Brancos
■ 32% - Pardos

■ Drogas mais consumidas

■ 36% - Álcool
■ 33% - Crack
■ 27% - Maconha
■ 7% - Cocaína
■ **Idade**
■ 36% - 18 a 24 anos
■ 29% - 25 a 35 anos
■ 13% - 36 a 47 anos
■ 18% - 47 a 59 anos
■ 2% - Acima de 60 anos
■ 2% - Não relataram
■ **Escolaridade**
■ 5% - Analfabeto
■ 27% - 1ª a 4ª série
■ 53% - 5ª a 8ª série
■ 7% - Ensino médio incompleto
■ **Características**
■ Ex-internos da Unis e Unip, com pendências jurídicas
■ Adolescentes em conflito com a lei
■ Ex-internos de abrigos (órfãos e retirados das famílias)

Vidas marcadas

AD22024-2

Apoio de um grupo é a saída para sobreviver

Mas as regras criadas por eles tornam difícil a convivência. Os deslizes são punidos com exclusão

VILMARA FERNANDES
vfernandes@redgazeta.com.br

■ A presença de um número maior de jovens nas ruas acabou estimulando um outro tipo de comportamento: a convivência

em grupos. Além de garantir a sobrevivência de seus membros, ele também facilita a obtenção e o uso conjunto de drogas. Mas apesar da "ajuda", o relacionamento entre eles não é nada pacífico. O problema é que o uso frequente de drogas acaba levando a conflitos e ao desrespeito da chamada "lei das ruas".

Quem a desrespeita recebe punições severas, como a exclusão. E é o que de pior pode

acontecer, avalia Francisney Soares Pereira, de 27 anos, há um ano e quatro meses na rua. "Você já tinha sido excluído da família e aí apronta e é eliminado do seu grupo da rua. Acaba sozinho. É muito ruim", relata.

A contradição de uma vida livre, mas ao mesmo tempo cheia de regras revela a necessidade de se integrar à sociedade, de alguma forma. "Querem limites, mas não dão conta de respei-

tá-los", observa Anabel Araújo Gomes Pereira, gerente da Atenção ao Migrante e a População em Situação de Rua, da Ação Social de Vitória (Semas).

É a fissura do vício que fala mais alto. Para mantê-lo se rouba até mesmo o amigo de pista, um dos atos mais abominados nas ruas. E é esse mesmo desespero que os impede até de frequentar os serviços oferecidos pelo município. "Até na hospede-

dagem tem exigências. Não pode fumar, usar drogas ou brigas. E ainda tem que manter a limpeza. Ninguém dá conta", relata Liliane da Conceição Silva, 23 anos, desde os 9 na rua.

COMENTE NA WEB
Sua família convive com um usuário de crack? Conte ao gazetaonline.com.br/forum

As regras das ruas

Elas são severas e valem para todos. Quem não respeita é punido com a exclusão do grupo

PARA O GRUPO

Roubo

Nas imediações do ponto onde todos ficam é condenável. Pode atrair a atenção de traficantes e da própria polícia. Não é tolerado, ainda, o roubo entre os participantes do grupo, o chamado "ladrão de pista", assim como os estupradores

Casais

O respeito ao relacionamento é fundamental. Não há tolerância com um "destruidor de lar". Quando identificado, é logo denunciado a todos e excluído do grupo

Crianças

Não são aceitas no grupo. O mesmo vale para os adolescentes. Quando uma pessoa aparece com uma criança é orientada a entregá-la a parentes para evitar que o Conselho Tutelar a recolha. Quem permanece com a criança não é ajudado pelos demais, para evitar problemas com a Justiça

Dedo-duro

Outro tipo de atitude que não conta com a tolerância, principalmente se for para a polícia. É considerado um caso grave que atrai desconfiança dos demais membros do grupo

Xingamentos

São abominados quando dirigidos à mãe de alguém

Correção

Não admitem que se chame a atenção deles na frente do grupo. Quem aceita pode ser interpretado como fraco

PARA AS MULHERES

Com que roupa

Na "pista" (rua) pode usar qualquer roupa, mas na frente do marido de outra tem que ser mais "comportada", ou corre o risco de ser excluída

Marido

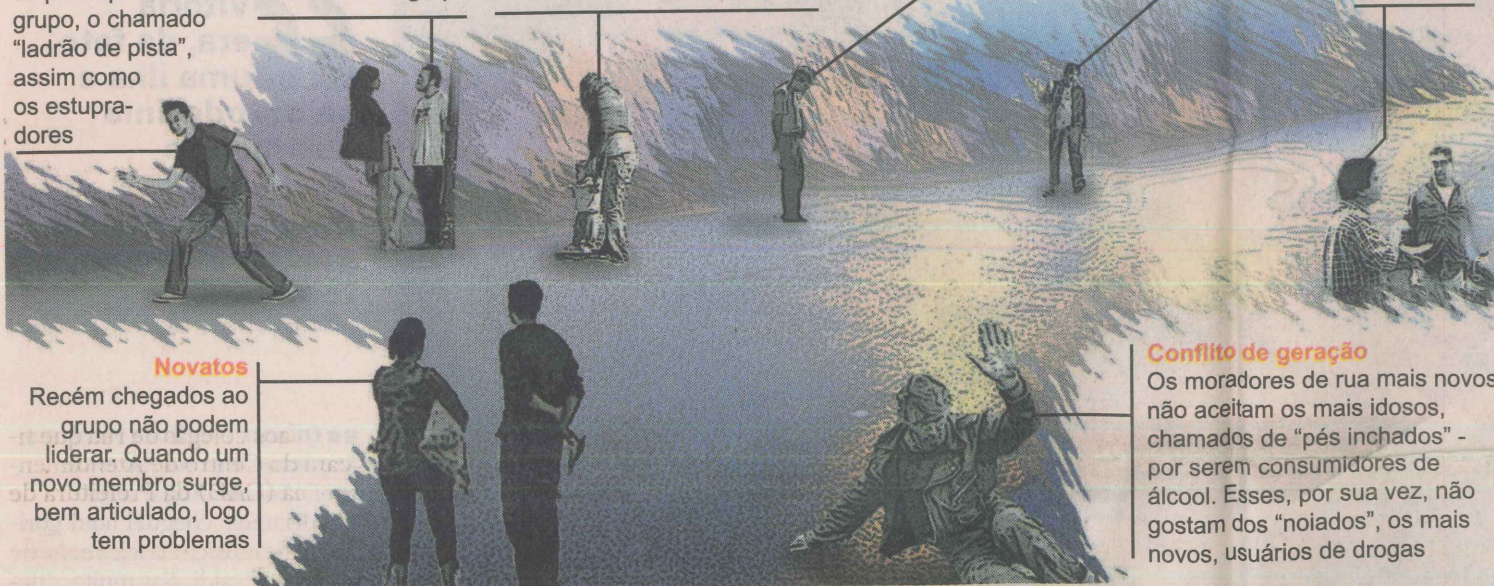
É terminantemente proibido qualquer tipo de "chamego" com o marido alheio. A ele não se deve pedir nenhum favor

Casais

Só os casais dormem juntos, mas separados do grupo. O restante dorme embolado, mas não é aceito abuso ou desrespeito

Conflito de geração

Os moradores de rua mais novos não aceitam os mais idosos, chamados de "pés inchados" - por serem consumidores de álcool. Esses, por sua vez, não gostam dos "noiados", os mais novos, usuários de drogas



Novatos

Recém chegados ao grupo não podem liderar. Quando um novo membro surge, bem articulado, logo tem problemas

Filosofia da rua



Você ajuda o cara com uma coberta, com um lençol e aí ele dá em cima da sua mulher? Tem que ter muito sangue frio para deixar passar batido. Por isso é que digo, se não respeitar, vai ficar à mercê de Deus"

"Não aceitamos crianças nem adolescente. Não tem condições de ficar, nem se for meu filho. A gente orienta a entregar para os parentes, senão o Conselho Tutelar vai pegar e acaba em problema para todo mundo. Se quiser ficar com a criança vai ser sozinho. Os dois vão passar fome. Ninguém ajuda"

"Roupa, mulher e dinheiro não se empresta. Ninguém devolve"

"Não dá para aceitar deduração, principalmente para a polícia. Como você confia no cara? Amanhã é você que ele vai dedurar"

"Tem gente que empresta mulher para conseguir grana para comprar drogas"

"As regras da rua são iguais às da cadeia. Se desrespeitar, as regras também são as mesmas"

"Os casais dormem separados, mas o resto dorme embolado. Se rolar mão boba vai ter problema. É desrespeito e a pessoa entra na faca"

"O melhor é sempre falar a verdade na hora que vai pedir alguma coisa. Não dá para mentir"

FRASES DE MORADORES DE RUA ENTREVISTADOS PELA REPORTAGEM



C.M.C.

26 anos, vive em um abrigo público

“Não quero voltar a lavar carros, senão volto para o crack”

C.M.C. era um típico jovem de classe média, com dinheiro, carro, boas roupas. Estudou em escolas particulares, queria ser advogado. Mas um encontro com as drogas mudou o rumo de sua vida. O crack o levou para o tráfico, para a cadeia, o transformou em um assaltante. Dele tirou os amigos, as namoradas, a família, o pai. Por pouco não levou sua vida. Hoje, aos 26 anos, depois de cinco internações e anos de rua, vive em um abrigo da Prefeitura de Vitória. É onde encontra apoio para pôr em prática sua meta: se libertar do vício. Conheça abaixo a história deste jovem.

■ ■ Como era a sua vida?

Meu pai tinha uma renda boa, casa, carro. Minha mãe mora em Jardim Camburi, é gerente de uma grande loja. Minha tia, com quem morei, vive na Praia da Costa. Sempre estudei em escolas particulares. Tinha o que desejava.

■ ■ E como a droga entrou na sua vida?

Por volta dos 13 anos. Experimentei por curiosidade, com os amigos da escola. Foi a época da ilusão, quando achava que poderia controlar o vício. Mas ela foi a alavanca para as outras que viria a usar. Por esta época veio a primeira internação, em uma clínica na Serra. Fui, mas não tinha intenção de parar. Ainda não tinha acontecido nada em minha vida, não tinha perdido nada. Tudo era festa.

■ ■ E o que aconteceu depois?

Logo depois vieram as festas, os bailes funks e com eles a droga da noite, a cocaína. O uso que era só à noite passou a ser o dia todo. Fiquei reprovado na 8ª, minhas notas caíram, abandonei a escola. Era uma época rebelde, comecei a andar com amigos dos pontos de drogas. Comecei a me iludir...

■ ■ Com o quê?

Com a vida do tráfico, com o dinheiro fácil, com a adrenalina. Comecei a adotar o estilo de vida deles. Passei a vender o que tinha – celular, MP-4 –, a praticar pequenos roubos. Meu pai não demonstrava seu desespero, mas queria me ajudar, me tirar do vício. Aceitei ser internado em Santa Catarina. Ficaria longe dos amigos, o que seria bom.

■ ■ Como foi a volta?

Voltei a estudar, fiz vários cursos, fui até o 2º ano do ensino médio. Comecei a trabalhar. Minha vida melhorou. Mas apareceram os amigos, e até gente que eu não conhecia oferecendo a droga. Não aguentei. A luta interior é grande, sabia o que estava fazendo comigo, mas a fissura pela droga é maior. Você mata um leão por dia e não é suficiente.

■ ■ Com quantos anos estava?

Uns 16. Na tentativa de me livrar do vício mudamos de casa, depois fui morar com minha tia. Não adiantou. Meu pai decidiu ir trabalhar em São Paulo. Foi quando os colegas do trabalho me convidaram para um show. Lá fui apresentado ao fristo (maconha com crack).

■ ■ Você sabia do poder de destruição do crack?

Não. Na época não tinha no Espírito Santo. Vi o povo fumando o puro e quis saber a diferença. Bate mais. Deixa você igual a um bicho. Dá síndrome de pânico, paranoia, irritação. Senti que tudo estava mudando rápido. Você fuma metade de uma pedra e cinco minutos depois já está

META. Depois de anos na rua, C.M.C. quer um emprego para recomeçar sua vida longe do crack

querendo fumar de novo.

■ ■ E sua família, o que fez quando descobriu?

Meu pai ficou desesperado. Um dia tentou me bater e decidi sair de casa. Fui para as ruas. Era muito orgulhoso. Tinha a ilusão de que ele iria me buscar. Passei a lavar carros na Avenida Rebouças, em São Paulo. O dinheiro ia todo para o crack. Lá a pedra é maior e muito mais barata. Com R\$ 10 você faz a festa. Mas o baque foi grande.

■ ■ E onde estava seu pai?

Me aceitou e retornamos para o Estado. Já cheguei procurando o crack, mas era raro nas ruas e

caro. Foi quando comecei a me envolver com uma turma pesada de Vila Velha, praticando assaltos. Acabei detido na Unip e só saí porque meu avô tinha influência dos muitos anos na política. Passei até por uma internação forçada em uma clínica particular em Cachoeiro, onde fiquei por um ano e seis meses. A mensalidade era de R\$ 1,1 mil. Saí injuriado porque nem ao enterro do meu avô me deixaram ir. A partir daí a situação foi só piorando. Meu pai pegou um empréstimo e acabou falindo, perdemos a casa.

■ ■ Onde foram morar?

Compramos um carro e fomos embora do Estado. O dinheiro foi

acabando. Tudo o que os amigos emprestavam não era suficiente. Me desesperava vendo o meu pai, um homem bom, que sempre teve uma boa condição financeira, sem dinheiro nem para comer. Um dia ele me pediu para voltar para o Estado e procurar minha tia. Foi embora em busca de um trabalho e nunca mais o vi. Os amigos dizem que ele morreu, há mais de dois anos.

■ ■ E você voltou?

Não. Ainda em São Paulo fui trabalhar para o tráfico, como olheiro, depois vendendo drogas. Acabei preso. Foi depois de perder tudo que comecei a dar valor ao dinheiro, a saber o quanto custava

comprar uma bermuda. Voltei direto para as ruas de Vila Velha, de Vitória, sem abandonar o crack. Lavava carros para manter o vício. Até ser preso, na véspera de Natal, quando atirei na vitrine de uma loja e roubando uma televisão.

■ ■ Onde acabou levando um tiro.

Estava lavando carro quando teve uma troca de tiros e um deles me atingiu. Fui levado para o hospital, onde vi o que era o abandono. Não tinha ninguém a quem recorrer, estava sozinho. Nem minha mãe me ajudou. Desligou o telefone.

■ ■ Você tem dificuldades de relacionamento com sua mãe?

Ela me abandonou aos três meses. Fui criado por meu pai. Aos 12 anos tentei morar com ela, mas os conflitos com meu padrasto eram muitos.

■ ■ E para onde foi após sair do hospital?

Para as ruas, até ser encontrado pela equipe de abordagem de rua de Vitória. Eles cuidaram de mim, me levaram para um abrigo. Nunca tive isto. Uma semana depois quando voltei a lavar carro, fui atropelado por um ônibus. Novamente passei muito aperto nas ruas, em plena chuva, com dor. Pedi ajuda e a abordagem me acolheu novamente.

■ ■ E agora, o que pretende fazer?

A droga não escolhe classe, cor, dinheiro. Não perdoa ninguém, nem pobre, nem filho de desembargador. Não quero isto mais para a minha vida. Deus tem me ajudado muito, mas pressinto que se não mudar agora, algo de muito ruim vai me acontecer. Por isso não quero voltar a lavar carros, senão volto para o crack. Quero me libertar, ter um emprego, meu cantinho, uma família, um filho. E um dia, quem sabe, voltar a estudar.

VITOR JUBINI

